

FAZENDO GÊNERO

ANO IX Nº26 JUL A OUT/06

Visibilidade Lésbica na TV: comentários a partir da novela Senhora do Destino

LENISE SANTANA BORGES 1



A mídia, juntamente com outros campos que geram e difundem idéias e imagens, têm ocupado cada vez mais um lugar de destaque nas sociedades contemporâneas, afetando sobremaneira a forma dos sujeitos se perceberem. O poder da mídia é reconhecido como fator significativo para a compreensão dos processos de mudança social e cultural. Poder de modelar, transformar, influenciar o conhecimento, crenças, valores, relações sociais e identidades sociais. Poder e ideologia perpassam a mídia de maneira a representar coisas de formas particulares. Neste processo, a linguagem tem um papel preponderante na forma de apresentar o mundo.

Na telenovela, o gênero narrativo utilizado é o melodrama, conhecido como um poderoso recurso para atrair as mais distintas audiências devido à sua potencialidade para evocar reconhecimento e produzir familiaridade. Outra especificidade da telenovela é que ela é uma obra aberta, ou seja, ela é construída levando em conta a interação com outros elementos no decorrer de sua exibição (autores, atores, opinião pública, emissora, patrocinadores etc.).

Nos últimos anos, a presença de personagens homossexuais tornou-se recorrente em diversos meios de comunicação. A partir de 1987, há uma seqüência de novelas na TV Globo – Vale Tudo de 1987, Torre de Babel de 1998, Mulheres Apaixonadas de 2003, e Senhora do Destino de 2004 – que ilustram que essa temática vem ganhando espaço e visibilidade na mídia. Nos indagamos, então, sobre as formas como essa visibilidade tem se dado.

Como exemplo, apresento aqui a novela Senhora do Destino, das 20 horas da TV Globo. Várias narrativas compõem esta novela, dentre elas a história Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges), o “casal” lésbico da trama. Mas quem são Eleonora e Jenifer na trama?

Eleonora ou Leo (Mylla Christie), branca, classe média, residente de medicina, mora com a família, filha mais velha.
Pai: Sebastião (Luiz Carlos Vasconcelos/José Mayer), motorista, nordestino.
Mãe: Janice (Mara Manzan), dona de casa
Irmã: Regininha (Maria Maya), madrinha da escola de samba, namorada de João Manoel.
Irmão: Venâncio (André Gonçalves), motorista.

Jenifer ou Jen (Bárbara Borges), branca, rica, mora com a família, estudante de fisioterapia, filha mais nova.
Pai: Giovanni Improtta (José Wilker), “ex” bicheiro, empresário da construção civil, presidente da escola de samba.
Avó: Flaviana (Yoná Magalhães), dona de casa, sogra de Giovanni.
Irmão: João Manoel (Heitor Martinez), vice-presidente da escola de samba Unidos de Vila São Miguel, namorado de Regininha.

Ao todo são 16 personagens que ao longo da trama tecem comentários sobre a relação entre Leo e Jenifer. Tomamos como exemplo duas narrativas masculinas para ilustrar como vão se construindo os sentidos sobre lesbianidade.

Sebastião, pai de Eleonora, é descrito como um homem cumpridor dos seus deveres, sério e compenetrado. Vive de acordo com um código de conduta muito rígido herdado do pai e tenta criar os filhos de acordo com esse modelo. Para ele, filha tem que ser protegida e fiscalizada para não sair da linha e casar virgem. Ele vê a filha Eleonora como exemplar, trabalhadora e responsável. A seguir, algumas palavras que ele utiliza para se referir à relação de Leo e Jenifer: *desgosto, doença, imoral, depravação, safadeza, desvio de conduta, tara, precisa se tratar* (Leo). Chama a filha de *médica sapatona, lésbica e aberração*. Complementa, em diálogo com Giovanni, que aquilo que a filha faz é um *vício*, que ela é *cafajeste*, que ele tem *nojo*, e que preferiria que a filha *morresse*. Diz ainda que não vai concordar com aquilo, e que tem *vontade de destruir tudo*. Sua fala é toda construída a partir de uma matriz discursiva na qual a lesbianidade transita entre a doença e a sem-vergonhice, prevalecendo uma leitura patologizante. É somente a partir da conversa com Giovanni que ele repensa sua atitude e vai procurá-la. No hospital, a observa salvar uma vida e então diz que a ama assim mesmo, apesar de não entendê-la.

Giovanni é apresen-

tado como um homem amoroso e generoso. Seu maior anseio é liquidar as contas com seu passado condenável e se tornar um outro homem. Apesar de inicialmente não entender a relação das duas, ele

faz o contraponto das outras falas masculinas: sugere que Jenifer *encontre um namorado*, pede para Jenifer esclarecer com Leo o *mal-entendido*. Ele cumpre um papel de mediação da relação de Leo e Jenifer junto com a filha Jenifer, dizendo para a filha *enfrentar a situação*, e que *aposta todas as fichas* nela, que está do seu lado. Com a avó Flaviana, explica que Jen ama Leo e que Jen quer ficar com Leo. Com o filho João Manoel, lembra que as *espadas enferrujam e falham*, que *quem ataca é só quem se sente ameaçado* e que *cada qual deve gostar de cada qual*. Com o pai de Leo, diz que ele *não tem saída e tem que aceitar*. Aconselha que ele converse com Leo.

Em que pese o fato de que é a primeira novela na qual uma relação lésbica é apresentada do início ao fim, e na qual os personagens ficam juntos no final, persiste uma tensão entre falas mais conservadoras e preconceituosas nas quais prevalece um tom mais pejorativo e caricatural da lesbianidade

(a galera, João Manoel, Sebastião) e outras na qual prevalece um tom de maior continência e inclusão (Shaolin e Giovanni).

As disputas de poder se evidenciam nos debates e discursos presentes em determinadas épocas, ora servindo para reforçar os interesses dos

grupos dominantes, ora propiciando modelos para resistência e luta. Na verdade, não dá para afirmar que os textos e imagens da mídia sejam intrinsecamente progressistas ou reacionários, muitas vezes essas fronteiras se misturam devido ao caráter sedutor da mídia. Para tanto, apresentam um amplo espectro de posições que muitas vezes não se integram numa posição absoluta, pura ou coerente a respeito de um mesmo assunto.



1- Lenise Santana Borges (Doutoranda em Psicologia Social – PUC/SP), professora da Universidade Católica de Goiás, fundadora do Grupo Transas do Corpo. E-mail: esinel@uol.com.br.

A mulher na publicidade: representações

REIJANE PINHEIRO DA SILVA¹



Refletir sobre as representações do feminino que circulam em algumas peças publicitárias goianas e nacionais é o objetivo deste texto. A perspectiva teórica é a teoria antropológica interpretativista, para a qual a cultura é uma reunião de textos e uma teia de significados². As representações são as referências que compõem o imaginário coletivo e orientam a elaboração de conceitos relativos à existência em grupo: gênero, moral, identidade, ideais coletivos, papéis sociais, regras de conduta e poder, entre outras. Importante ressaltar que “a linguagem não só testemunha tal visão de mundo talhada ao longo dos séculos e séculos, mas também a reproduz”³. É nesse sentido que a publicidade manifesta as representações de um grupo e, simultaneamente, as reafirma.

Esse caminho interpretativo ilumina a contradição dada nos anúncios: as mulheres, a despeito das inúmeras conquistas alcançadas nas últimas décadas, ainda continuam associadas a mercadorias e exploradas como objeto sexual para vender cerveja, carros, roupas e uma infinidade de produtos dos mais variados tipos. Nas propagandas de cerveja, especialmente, as mulheres são representadas como sendo o próprio produto, como é o caso da referência à “boa” (Antártica), associada à modelo Juliana Paes, como é o caso também da propaganda da SKOL que defendia que a cada cerveja comprada o cliente deveria ter direito a uma “musa do verão” e a da campanha da nova marca MULATA, a primeira cerveja goiana, apresentada com o texto seguinte: “As loiras que me desculpem, mas agora vai todo mundo andar atrás da Mulata”⁴.

Metaforicamente as referências “loira” e “mulata” indicam a fusão entre mulher e cerveja. No universo mítico publicitário, onde animais falam, pes-

soas podem voar e objetos têm personalidade, um corpo de mulher pode aparecer no lugar do líquido, como ocorre com o cartaz da Antártica. A lógica que domina esse universo não é a racional, mas à da magia, dessa forma não há limites separando realidade e fantasia e os sonhos se tornam possíveis através do produto. Se no mundo real as mulheres não são exclusivamente as rainhas do lar, ou disponíveis e dependentes, a publicidade as representa ocupando um lugar que historicamente elas lutaram e ainda lutam pra superar: o de “objeto de cama e mesa”. A publicidade nos mostra, portanto, que apesar das conquistas e das lutas por igualdade e do fato de que as mulheres desempenham os mais variados papéis e atuam em todas as áreas profissionais, no universo das representações publicitárias elas ainda são coisificadas, transmutadas nos produtos anunciados.

Propagandas ofensivas são frequentes e, não raro, provocam reações indignadas da sociedade civil e dos movimentos de mulheres. Foi o que aconteceu em Goiânia em maio de 1997 quando, por ocasião da exposição agropecuária, a Agência Central do Brasil publicou um anúncio de preservativos que comparava diretamente as mulheres goianas a gado. O anúncio apresentava a figura de um preservativo masculino e a frase “Se vai vacinar o gadinho use camisinha. Machismo é não usar” (O Popular, maio de 1997). Esse anúncio foi pago por uma concessionária FIAT de Goiânia (PINAUTO). Em protesto a esse anúncio, um grupo de alunas do Centro de Ensino e Pesquisa em Educação (Cepae) da Universidade Federal de Goiás (UFG), iniciou um movimento junto aos colegas e à imprensa, exigindo uma retratação por parte da agência e empresa responsáveis. “A propaganda afetou as mulheres, porque nos com-

parou a gado e afetou também a festa agropecuária que não é lugar de prostituição”, disse uma das alunas que liderou o movimento.

Muitas cartas foram enviadas aos jornais e provocaram a reação da população em geral e de grupos organizados de mulheres. O então diretor comercial da Pinauto, Edmo Pinheiro, e o proprietário da agência Central do Brasil, Marcus Vinicius Queiroz, falaram ao jornal O Popular, em 19/05/97, que o objetivo do anúncio não era discriminar ninguém:

“Nossa intenção foi, usando uma linguagem figurativa comum entre os jovens, despertá-los, sem mesquinhez ou falsa moral, para os riscos da AIDS. Por outro lado, ser comparada a uma vaca não é tão ruim assim. Existem vacas que custam até 100 mil reais.” (Edmo Pinheiro)

“Respeito a opinião das estudantes, mas considero que são elas quem estão discriminando as vacas. Será que se fosse um outro animal, uma coelhinha ou uma ursinha, por exemplo, elas achariam tão ruim assim?” (Marcus Vinicius Queiroz)

Em uma propaganda de cerveja veiculada nacionalmente em agosto de 2001, por ocasião da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, a analogia mulher-vaca também aparece de forma explícita. Uma cowgirl vestida com botas, chapéu, calça e camisa jeans entra em um curral e, ao tirar a roupa com gestos indicativos de que está com calor, é observada por um boi que emite mugidos semelhantes a sussurros. Na seqüência, um cowboy entra no curral e oferece uma cerveja pra cowgirl. Resolvido o problema do calor, ela interrompe o strip-tease. O boi fica furioso com o intruso, investe contra ele, atirando-o pra fora do curral com uma chifrada.

Interpretar os significados tecidos

nos textos publicitários se faz necessário para ampliar a compreensão sobre a sociedade da qual fazemos parte, além de possibilitar a reflexão e a crítica sobre os valores postos em circulação. Se a linguagem é um mecanismo através do qual reproduzimos nossos padrões culturais, através dela também podemos transformá-los. Nesse sentido, se faz necessário constituir espaços para discutir a publicidade, vista aqui como um mecanismo significativo de circulação de representações depreciativas e que não fazem justiça às lutas e ao lugar que as mulheres ocupam na sociedade contemporânea.

Outras fontes bibliográficas:

ROCHA, E. P. G. *Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1995.

SILVA, R. P. *Aqui o sistema é bruto: o movimento country e a identidade goiana*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia). UFG, Goiânia, 2001.

FAZENDO GÊNERO

EXPEDIENTE

FAZENDO GÊNERO – nº26
Julho a Outubro/06

Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Conselho editorial:

Antônio Carlos Cunha, Érica Melo, Pedro Plaza Pinto, Priscila Marília Martins e Wilza Vilela

Editoria: Joana Plaza Pinto

Redação: Marília Rodrigues e Joana Plaza

Revisão: Marília Rodrigues

Colaboração: Albineir Plaza Pinto, Fernanda Calderaro, Lenise Santana Borges, Pedro Eduardo Lima, Reijane Pinheiro.

Ilustração pág.2: Joana Plaza Pinto

Editoração: Carla de Abreu (62-3223.0566)
Av. Antônio Fidélio nº 1811, Pq. Amazônia Goiânia-Goiás-Brasil – 74.840-090
Tel.: 55 (62) 3095-2301 ou 3095-2302
comunica@transasdocorpo.org.br

www.transasdocorpo.org.br

Apoio:

International Women's Health Coalition
Global Fund for Women

1- Mestre em sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Professora Substituta da Universidade Federal de Goiás e da Faculdade Araguaia.

2- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

3- RAJAGOPALAN, K. Prefácio. In: FERREIRA, D.M.M. *Discurso feminino e identidade social*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002, p. 13.

4- site: www.cervejamulata.com.br, acesso em: 05/07/2006.

Articula SUS e Café com Idéias: ações para defender o direito à saúde em Goiás

FERNANDA CALDERARO¹
COLABORAÇÃO: ALBINEIAR PLAZA PINTO

Direito à saúde nos remete ao Sistema Único de Saúde (SUS) e às políticas públicas que lhe deram origem. Em 2006, esse serviço comemora 20 anos! Para a consolidação do SUS foram necessários vários atores e mudanças conceituais de “saúde”.

Na década de 70, tínhamos um sistema de saúde baseado na Previdência Social, em que apenas os que contribuíam tinham acesso aos serviços. A década de 80 marcou a conquista por direitos à saúde. A elaboração do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), em 1983, com participação do movimento feminista, contribuiu para a inclusão do conceito de integralidade do Sistema. O Movimento de Reforma Sanitária também surgiu nessa época, com o objetivo de transformar o Sistema Nacional de Saúde em um sistema que contemplasse ações integrais de prevenção, recuperação e promoção da saúde. Ao mesmo tempo, atuavam no Brasil o Movimento pela Anistia e a Campanha pelas Diretas Já.

No governo Sarney, um novo modelo de estrutura para o setor da saúde é implantando, o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde – SUDS. Em 1986, é realizada a 8ª Conferência Nacional de Saúde, quando são aprovados os princípios do novo sistema, instituindo o SUS, incorporando os princípios de integralidade, universalidade e equidade.

Segundo Pinto², a “integralidade compreende muitos sentidos. Ações e práticas interdependentes e múltiplas entre si... integram-se num todo compreensivo e significativo para as pessoas e os coletivos de trabalho e atuações de políticas em saúde. [...] A universalidade, como princípio imperativo da descentralização. Descentralização com organização das práticas e com a alocação adequada de recursos, no gerenciamento dos serviços. Descentralização de disponibilidade de cuidados e todos os outros tipos de atenção adequados para as necessidades individuais e coletivas da população, de forma equânime”.

É a luta pelo direito à saúde e por esses princípios que vemos hoje em dois projetos em Goiás: o *Articula Sus: movimentos sociais em defesa do direito*



à saúde em Goiás e o *Café com Idéias*. O primeiro é uma realização do Grupo Transas do Corpo juntamente com a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS), visando uma interlocução com os movimentos de emancipação sobre o direito à saúde. Já o *Café com Idéias* é uma realização da Universidade Federal de Goiás (UFG), também com a ANEPS e apoio do Grupo Transas do Corpo, e tem como objetivo discutir o SUS na universidade, serviços de saúde e sociedade em geral.

A importância dos dois eventos é indiscutível e complementar. O *Articula SUS* busca fortalecer os movimentos sociais que têm como ponto comum e aglutinador as diversas formas de exclusão social e que, dentro do SUS, é refletido e sustentado por algumas redes de poder. O projeto é constituído de três eventos de formação e articulação política para representantes dos movimentos: Sem Terra (MST), Sem Teto (MTL), de mulheres, feminista, negro, estudantil, adolescentes, LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros), fóruns e conselhos.

Já o *Café com Idéias* é uma série de eventos com temas específicos, realizados no espaço da universidade e em parceria com outras redes e organizações. Os eventos contribuem para a sensibilização das pessoas que fazem o SUS – profissionais de saúde, acadêmicos, estudantes, movimentos sociais, conselhos, fóruns e gestores – na tentativa de reduzir formas de exclusão. E de que formas de exclusão social estamos falando? Das mais diversas. Para citar algumas: exclusão

social por raça, classe, gênero, localização geo-gráfica, geração, necessidades especiais e orientação sexual. Chamamos estas e outras formas de exclusão social de *Determinantes Sociais da Saúde* (DSS), que, segundo Lopes³, “são elementos de ordem econômica e social que afetam a situação de saúde de uma população” e fazem com que o acesso ao sistema de saúde seja iníquo.

No *Articula SUS*, desde a construção do projeto até a execução, fui surpreendida positivamente com os

resultados do primeiro evento, realizado em 5 de maio último. Encontrei um grupo altamente comprometido com as questões da saúde, com desejo de expor problemas e conscientes da importância daquele momento para o fortalecimento do controle social do SUS, a ponto de ser elaborada uma carta aberta à população de Goiás e autoridades de saúde sistematizando os debates do evento e as demandas discutidas (veja a carta em www.transasdocorpo.org.br).

O primeiro *Café com Idéias* considero um marco de ousadia, que mobilizou mais de duzentas pessoas em um auditório da universidade. Foi gratificante ver no auditório revelações e percepções tão diferentes, compreendidas entre teoria e prática em saúde.

Outros dois acontecimentos recentes são relevantes para a discussão proposta pelos dois projetos: a *Carta dos Direitos dos Usuários do SUS* e a criação da *Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais em Saúde* (CNDSS). A Carta é um instrumento de informação sobre os direitos, baseados em seis princípios de cidadania. A CNDSS, criada em março deste ano, tem o objetivo de incluir nas políticas públicas, nos movimentos sociais e na consciência das pessoas, os DSS.

É preciso ampliar a discussão de saúde e incluir os DSS nas discussões e pensar em ações que os incluam. Sem a continuidade e o envolvimento de outros atores nessa discussão, formações como *Articula SUS* e *Café com Idéias* se tornam ações isoladas e o movimento pela melhoria de acesso ao sistema de saúde perde forças. Cabe a nós não deixar que este movimento fique apenas nesses passos. Ensaieiros novos passos, firmes e ousados, nesta luta que é de todas/os nós!



1- Educadora feminista da equipe de formação do Grupo Transas do Corpo.

2- PINTO, Albineiar P. Anotações e comentários durante o I Fórum Regional de Psicologia e Saúde Pública. 2006.

3- LOPES, Claudia R. Movimento contra as iniquidades. In: *Radis comunicação em saúde*. n. 45, p. 11, maio/2006.

Fazendo Gênero em Florianópolis

O Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos será realizado dias 28, 29 e 30 de agosto de 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina, e reunirá pesquisadoras e pesquisadores do Brasil e de universidades estrangeiras com pesquisas e publicações no campo dos estudos de gênero e dos estudos feministas. Os temas da programação priorizam as mais diversas formas de discriminação e preconceitos, como nas mesas *Preconceito na mídia, Discriminações geracionais, Racismo e ações afirmativas, Erotismo, sexualidade e preconceito*, entre outras, culminando no painel de encerramento *Feminismos e preconceitos no mundo*. Para saber mais, acesse: www.fazendogenero7.ufsc.br.

3ª edição do Nossas Próprias Palavras

A 3ª edição do curso *Nossas Próprias Palavras: formação feminista para universitárias*, promovido pelo Grupo Transas do Corpo é realizada no Centro de Treinamento da Asbeg, em Aparecida de Goiânia, de 23 a 28 de julho desse ano. O curso vai apresentar e discutir diversos entendimentos sobre o feminismo e as implicações das relações de gênero na vida das mulheres. Deve ainda proporcionar informações sobre prática e pesquisa feminista e favorecer o intercâmbio das estudantes entre si, e com outros grupos. Jovens de diferentes graduações e universidades participarão do curso este ano.

Grupo de estudos sobre gênero e sexualidades

Desde 2003, o Grupo Transas do Corpo oferece um espaço mensal de discussão de textos clássicos e contemporâneos sobre gênero, saúde e sexualidade. Estudantes de Goiânia e região, além da equipe interna do Transas, participam mensalmente do Grupo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade. A cada encontro, um texto é debatido livremente, e outro novo texto é selecionado para o encontro seguinte. O Grupo está aberto também para apresentações das/os participantes de seus estudos em andamento. Informe-se sobre o próximo encontro no www.transasdocorpo.org.br. Contamos com sua presença!

Corpus Crisis

A segunda edição do *Corpus Crisis*, encontro autônomo sobre gênero e corpo, foi realizada em Brasília entre os dias 15 e 17 de junho deste ano. As atividades, que incluíam palestras, oficinas e performances, se dividiram basicamente em dois eixos: gênero/sexualidade e saúde/meio ambiente. Para saber mais sobre o evento, que é realizado sempre no feriado de *Corpus Christi*, acesse corpuscrisis.sarava.org.

Seminário Panoramas da Anticoncepção

O Grupo Transas do Corpo divulgou os resultados preliminares da pesquisa *Práticas anticonceptivas no município de Goiânia no Seminário Panoramas da anticoncepção: com que método eu vou?*, realizado no dia 25 de abril, no Auditório do Instituto de Patologias Tropicais e Saúde Pública da UFG (IPTSP/UFG). O evento contou com a participação de Tânia Lago, pesquisadora do Cebrap. O estudo foi coordenado por Marta Roverly e teve o apoio da Fundação Ford.

X Parada GLBT de Goiânia

Com o tema "Homofobia é crime", a X Parada do Orgulho GLBT de Goiânia levou festa e protesto para as ruas do centro no dia 02 de julho. Os movimentos e entidades de Gays, Lésbicas, Transexuais e Travestis de Goiânia lutam pela aprovação de uma lei municipal que estabeleça a homofobia com prática criminosa, como é o racismo. A estimativa da Polícia Militar é de que 20 mil pessoas participaram da passeata e a organização estima que cerca de 50 mil pessoas passaram pela Parada durante todo o dia.

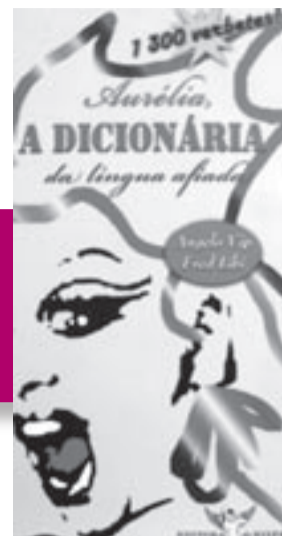


Foto: Leo Vieira

Aurélia, a dicionária da língua afiada

PEDRO EDUARDO LIMA¹

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. Aurélia, a dicionária da língua afiada. São Paulo: Editora da Bispa, 2006. 143 p.



Vinte e quatro reais! Coincidência ou não, este é o preço de lançamento de "Aurélia, a dicionária da língua afiada" (143 p.). Resultado do trabalho conjunto de Ângelo Vip (codinome de Victor Ângelo, 38 anos) e do não identificado Fred Libi, o volume, cujo título seria uma homenagem a Aurélio B. de Holanda dispensada pela família deste lexicógrafo, traz 1.300 verbetes que, segundo os autores, "estão ligados de alguma forma à cultura gay e lésbica". Foi lançado há cerca de dois meses em São Paulo, pela Editora da Bispa Ltda.

Tradicional na forma, com referência a classe gramatical, gênero, número etc e com a indicação do local de origem ou uso mais comum das palavras, a obra traz vocábulos que seriam usados por comunidades gays falantes da língua portuguesa no Brasil e em Portugal, principalmente vindos do *bajubá* (linguagem usada pelos travestis). Há também empréstimos de muitas línguas e dialetos falados em vários países da África, além de palavras vindas do inglês que mantêm, em sua maioria, a ortografia original (ex: "crossdressing", "drag queen" etc).

O volume é todo irreverente e, nas palavras de Vip e Libi, "sem pretensão de ser politicamente correto". A história fictícia de vida dos autores (interessados por poesia, decoração, Carmen Miranda, sado-masochismo...) alude ao que tradicionalmente se difundiu como relativo aos gays. A numeração das páginas vem com o desenho de um veado e, em várias acepções, o termo "espécie" é utilizado, satirizando a estereotipada imagem dos gays.

Várias palavras são postas no feminino no dicionário, como "prefácia", "Ronalda", "relógia" etc. Há termos possivelmente obscenos ou mesmo ofensivos ao leitor desavisado. Muitos vocábulos aludem às partes mais erógenas do corpo humano, como "edi" (=ânus) - com dezenove sinônimos - "xota" (vagina), "neca" (=pênis) etc. Outros descrevem atitudes ligadas a relações sexuais, como "chuca" (=limpeza anal), "bombar" (=fazer a penetração sexual com movimentos fortes), "boquete" (=sexo oral em um homem), "queca" (= transa), "siririca" (=masturbação feminina) etc.

Aquele/a aberto/a à leitura, todavia, está garantido o conhecimento de termos novos, bem como da origem de palavras talvez por ele/a mesmo/a usadas, sendo ele/a gay ou não (!). Assim, vale atentar para a presença curiosa de alguns termos no dicionário. As palavras "traíra" (=traidor), "muxiba" (=seios caídos), "vitaminada" (=bonita) etc, são usadas pelo falante de português, independentemente de sua identidade sexual e/ou práticas sociais e, porém, constam no dicionário ligado "de alguma forma à cultura gay e lésbica". A tais termos juntam-se "desavisado", "din-din", "exótica", "mixuruca", "siririca", "piá", "capaz", "pindaíba" etc. Ainda mais curiosas são as acepções de "boi" (=mamífero ruminante) e "dramático" (=aquele que faz drama por qualquer coisa). Qual será a relação especial desses termos com a cultura gay e lésbica?

Irreverente, audacioso, polêmico, interessante! Assim é "Aurélia". Sua leitura é prazerosa e instigante à reflexão sobre o que seus autores tentaram postular como os usos comuns de termos gays e lésbicos na prática da língua portuguesa. Se alcançaram seu intento somente a apreciação de cada leitor(a) dirá.

1- Professor de língua inglesa e mestrando em Linguística na Universidade Federal de Goiás.